



ESCOLA DE  
HUMANIDADES

# ESTUDOS IBERO-AMERICANOS

Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 47, n. 2, p. 1-12, maio-ago. 2021  
e-ISSN: 1980-864X | ISSN-L: 0101-4064

<http://dx.doi.org/10.15448/1980-864X.2021.2.39017>

SEÇÃO: DOSSIÊ

## Projetos editoriais e mediações do passado: a experiência brasileira em uma cartografia de revistas de divulgação histórica

*Editorial projects and mediations of the past: the Brazilian experience in the cartography of history magazines*

*Proyectos editoriales y mediaciones del pasado: la experiencia brasileña en cartografía de revistas de difusión histórica*

**Fernando Perli<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-3422-9693](https://orcid.org/0000-0002-3422-9693)  
[fernandoperli@ufgd.edu.br](mailto:fernandoperli@ufgd.edu.br)

**Recebido em:** 31 ago. 2020.

**Aprovado em:** 30 mar. 2021.

**Publicado em:** 31 ago. 2021.

**Resumo:** As revistas de divulgação histórica tornaram-se instrumentos de difusão de representações do passado que alcançaram um público mais amplo que o acadêmico. Em uma diversidade de suportes impressos na cultura contemporânea, algumas publicações foram objetos de críticas por fugirem às regras da história constituída nos rigores e rotinas de métodos historiográficos, enquanto outras foram reconhecidas pela divulgação de pesquisas de universidades para o grande público, promovendo debates sobre o lugar social da produção histórica. No Brasil, ao que foi entendido como demanda social por história no início do século XXI, para além de projetos editoriais isolados, as revistas de divulgação histórica inseriram-se num conjunto de produções congêneres de outros países. Assim, neste artigo, propõe-se um mapeamento de revistas considerando implicações da história de difusão massiva no campo historiográfico e a experiência brasileira de impressos que potencializaram o debate sobre mediações do passado entre historiadores acadêmicos e o público não especializado.

**Palavras-chave:** Revistas. História. Divulgação. Público amplo.

**Abstract:** History magazines have become tools for disseminating representations of the past that reached a wider audience than the academic community. In a diversity of printed media in contemporary culture, some publications have been the target of criticism for escaping the rules of history constituted in the strictness and routines of historiographic methods, whereas other publications have been recognized for the dissemination of college researches to the general public, promoting debates about the social place of historical production. In Brazil, in what has been understood as the social demand for history at the beginning of the 21st century, beyond isolated editorial projects, historical dissemination magazines became part of a set of similar productions from other countries. Thus, this article proposes a mapping of journals considering the implications of the history of mass dissemination in the historiographic field and the Brazilian experience of printed matter that has strengthened the debate about mediations of the past among scholarly historians and the non-specialized public.

**Keywords:** Magazines. History. Disseminating. Wide public.

**Resumen:** Las revistas de difusión histórica se han convertido en instrumentos de difusión de representaciones del pasado que han llegado a un público más amplio que el académico. En diversos medios impresos en la cultura contemporánea, algunas publicaciones fueron objeto de críticas por huir de las reglas de la historia constituídas en los rigores y rutinas de los métodos historiográficos, mientras que otras fueron reconocidas por la difusión de la investigación universitaria al público en general, promoviendo debates sobre el lugar social de la producción histórica. En Brasil, lo que se entendió como una demanda social de historia a principios del siglo XXI, además de proyectos editoriales aislados,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, MS, Brasil.

las revistas de divulgación histórica formaron parte de un conjunto de producciones similares de otros países. Así, en este artículo se propone un mapeo de revistas considerando las implicaciones de la historia de la difusión masiva en el campo historiográfico y la experiencia brasileña del material impreso que potenció el debate sobre mediaciones del pasado entre historiadores académicos y público no especializado.

**Palabras clave:** Revistas. Historia. Difusión. Gran público.

## Introdução

Ao longo do século XX e início do XXI, revistas de divulgação histórica produziram representações do passado que alcançaram públicos diversos de história. Mesmo que pouco se esclareça suas implicações no ofício dos historiadores, muitas revistas foram objetos de críticas por fugirem às regras de métodos historiográficos. Outras, ao divulgarem pesquisas de universidades, atuaram nas fronteiras entre a história dita científica e a vulgarização da produção histórica.

Em um olhar atento nas páginas, seções e edições de revistas congêneres, percebem-se diversos profissionais – como jornalistas, publicitários e historiadores – que elaboraram análises históricas combinadas com imagens, pesquisas, anúncios e editoriais (DE GROOT, 2008, p. 45). Nelas, foram divulgadas histórias legitimadas por historiadores de ofício e histórias sem historiadores, escritas por jornalistas, historiadores leigos ou "historiadores práticos" (HOLL, 2008).

No Brasil, entre 2003 e 2005, quatro publicações de ampla circulação – a *Aventuras na História* (2003), a *História Viva* (2003), a *Nossa História* (2003) e a *Revista de História da Biblioteca Nacional* (2005) –, integraram um segmento editorial que, neste artigo, propõe-se analisar enquanto experiência brasileira. Além dessas, surgiram a *Desvendando a História* (2004), a *BrHistória* (2007), a *Leituras da História* (2007), a *BBC História* (2008), a *História em Curso* (2011), a *Caminhos da História* (2012), a *BBC History Brasil* (2014) e a *História em Foco* (2014), retratando variedades e contradições do mercado editorial.

Apesar da expansão do consumo de história, em poucos anos, as revistas brasileiras enfrentaram dificuldades econômicas devido à concorrência e ao avanço da internet. A efemeridade dos projetos editoriais instigou compreender as suas

experiências em um conjunto de publicações estrangeiras. Caso se considere que nos anos de lançamentos vendeu-se mais o passado do que o futuro (HUYSEN, 2000), o estudo desses produtos culturais sugere um mapeamento que aponte para visibilidades, longevidades, circulações e aproximações de projetos editoriais, com o objetivo de discutir demandas e limitações da divulgação histórica no campo historiográfico.

## O campo historiográfico e as revistas de divulgação histórica

A falta de engajamento de historiadores acadêmicos em projetos editoriais para alcançar públicos mais amplos constituiu-se em um dos problemas da história pública na segunda metade do século XX. Nos Estados Unidos, praticantes do modelo alemão de ciência histórica optaram pelo "luxo enganoso de ignorar" a produção de história "fora das universidades" (DUMOULIN, 2017, p. 77). As dúvidas quanto à importância do conhecimento histórico para públicos mais amplos estendiam-se para o ensino de história nas escolas básicas, marcando distensões entre historiadores acadêmicos e profissionais dedicados à popularização da história.

O surgimento e o sucesso da revista estadunidense *American Heritage* (1949) indicaram as potencialidades de um mercado ainda pouco compreendido no campo historiográfico (DUMOULIN, 2017, p. 77). Peter Novick (2005, p. 372), ao tratar do trabalho do editor Allan Nevins na elaboração da revista popular de história, constatou pouco envolvimento de historiadores acadêmicos, algo que diminuiu a partir da década de 1970, quando a história pública delineou aproximações entre o campo historiográfico e espaços de produção e difusão de história para o grande público (ROSENZWEIG; THELEN, 1998).

Durante a última década, a história pública no Brasil fortaleceu debates e pesquisas acadêmicas que levaram à "construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões" (ALMEIDA; ROVAI, 2011, p. 7). Isso permitiu tratar da difusão do conhecimento histórico sem que se retirasse da história acadêmica

a condição de debater e estimular a consciência histórica de um público amplo, em dinâmicas sociais produtoras de representações do passado.

A despeito do pouco prestígio entre historiadores de ofício, que legitimaram no campo historiográfico os periódicos científicos com avaliação entre os pares (BENTIVOGLIO, 2017), a história acadêmica não pode desmerecer as revistas de divulgação histórica por disponibilizarem relevantes informações sobre a cultura histórica contemporânea. Para Jurandir Malerba (2014, p. 29), "editores, publicitários e homens de mídia em geral descobriram que o passado pode representar bons negócios". Assim, abordagens das demandas por história devem considerar a inserção do campo historiográfico na cultura contemporânea, em suas múltiplas relações com a indústria cultural (MALERBA, 2014, p. 43).

No decorrer do século XX, em vários países, revistas de divulgação histórica conquistaram consumidores, como especialistas, leitores colecionadores, diletantes e aficionados por história. Em um amplo espectro de tempos e lugares, figuraram as francesas *Historia* (1909), a *Historama* (1951), a *Miroir de l'histoire* (1950), as estadunidenses *American Heritage* (1949) e *American History* (1966), a inglesa *History Today* (1951), a argentina *Todo es Historia* (1967), a espanhola *Historia y Vida* (1968) e a alemã *Damals* (1969).

Ainda que se trate de um esforço inicial, delimito três categorias de revistas populares de história. A primeira foi constituída por aquelas que tiveram suporte de editoras e de grupos econômicos interessados nos empreendimentos comerciais. Produzidas por editores jornalistas e colaboradores não historiadores, dispensaram conselhos editoriais ou científicos, publicaram o que se convencionou denominar "reportagens de história" com ilustrações e textos em tons de jornalismo investigativo, situando-se como revistas das mais populares. Nesse grupo, é possível incluir a inglesa *BBC History* (2000), a estadunidense *American History* (1966) e a brasileira *Aventuras na História* (2003).

A *BBC History* (2000) originou-se do complexo midiático British Broadcasting Corporation (BBC),

notabilizado pelas emissoras públicas de rádio e de televisão do Reino Unido desde 1922. O crescimento da BBC resultou de investimentos e acordos comerciais que permitiram a atuação em diferentes segmentos de informação. A revista tornou-se intermediária no mercado editorial inglês, expandindo vendas e assinaturas licenciadas (ELSTON; WILLIAMS-ROBBINS, 2011). Mais recentemente, em agosto de 2013, entre dezenas de publicações mensais, apareceu com uma tiragem de 75 mil exemplares. (PRESS GAZETTE, 2013).

A expansão das vendas e assinaturas de publicações licenciadas fez a *BBC History* alcançar mercados promissores ou consolidados em diversos países. As produções de complexos midiáticos demonstraram influência para manter e expandir projetos editoriais, sintonizando investimentos e resultados econômicos com um campo de publicações reconhecidas como de conhecimento ou culturais.

No segmento de revistas de conhecimento dos Estados Unidos tornou-se referência a *National Geographic*. Produzida desde 1888, nas últimas décadas, a marca ampliou projetos editoriais específicos de história pelo mundo. Porém, na segunda metade do século XX, foram as revistas que deram ênfase à defesa nacional que se destacaram, em especial, à história militar e de guerra, como a *Civil War Times* (1962), a *American History* (1966), a *America's Civil War* (1987) e a *Vietnam* (1988), além das orientadas para o público infantil, como a *Cobblestone* (1980).

A *American History*, há décadas no mercado editorial, em 2006 foi integrada ao Weider History Group, que operava o portal [Historynet.com](http://Historynet.com). O grupo, uma subsidiária do Weider Health and Fitness, assumiu o controle sobre quase uma dezena de revistas de história de ampla circulação, em sua maioria, com periodicidade bimestral e enfoques militares. A quantidade de publicações nas mãos de um grupo econômico gerou críticas de editores, historiadores, ativistas políticos e leitores. Abordagens generalizantes do passado, demasiado controle empresarial e ausência de especialistas, serviram de alerta

à historiografia militar, em descompasso com conteúdos de revistas de uma subsidiária da área de saúde, agregada a um mercado lucrativo de produtos de fisiculturismo, como suplementos nutricionais (WEIR, 2012).

Muitos projetos editoriais de divulgação histórica surgiram em anos próximos a comemorações e efemérides. Na década de 1970, no contexto de ditadura militar e de celebração dos 150 anos da independência do Brasil, a Editora Três publicou a revista *Grandes Acontecimentos da História* (1973). Além disso, pela Editora Abril foram publicados fascículos, coleções e revistas (FONSECA, 2016, p. 185), como a *História do Século XX* (1974), a *História das Civilizações* (1975) e a *Nosso Século* (1980). A lógica seguiu-se nos "500 anos do descobrimento", em 2000, quando a editora publicou a Coleção Brasil 500 anos (BONALDO, 2014, p. 267).

Lançada em 2003, a *Aventuras na História* contou com a estrutura de produção e vendas da Abril, conhecida por editores concorrentes como uma "máquina de assinaturas". A revista alcançou em alguns anos a marca de 72 mil exemplares (CAMPREGHERE; LIPPE, 2012), com 50 mil assinantes (VERSIGNASSI, 2011, p. 4). Em estilo muito característico, a história foi divulgada como uma viagem cheia de aventuras, considerada por seus produtores a "mais divertida, interessante, informativa e relevante" (MIRANDA, 2004, p. 3) para os que gostam de história.

A segunda categoria de revistas de divulgação histórica ocupou uma condição intermediária, entre revistas de grandes editoras, grupos econômicos e complexos midiáticos, e as que surgiram com o compromisso de divulgação de pesquisas acadêmicas. Nesse grupo pode-se incluir a inglesa *History Today* (1951), a brasileira *História Viva* (2003) e a mexicana *Relatos e Historia en México* (2008).

A *History Today*, uma revista de história ilustrada considerada "semiacadêmica", com periodicidade mensal, teve uma circulação média de 26 mil exemplares, mantendo regularidade e aumento nos números em décadas anteriores à propagação de suportes digitais (DE GROOT, 2009, p. 44). Fundada em Londres por Brendan Bracken, ministro da informação britânico durante

a Segunda Guerra Mundial, político, empresário e presidente do *Financial Times*, "o jornal dos homens de negócio" (LOCKHART, 1991), a *History Today* pertenceu ao diário econômico até 1981 e, em sua trajetória, recebeu e publicou artigos de historiadores e profissionais de outras áreas, como David Starkey, Asa Briggs e Juliet Gardiner.

A *História Viva*, da Editora Duetto, em parceria com a tradicional revista francesa *Historia* (1909), conhecida pela popularidade e tiragens que alcançaram 154 mil exemplares na década de 1980 (ORY, 1983, p. 145), propôs "reportagens de história" sem perder de vista a documentação. Para o seu diretor geral, Alfredo Nastari, o que se pretendia era uma revista de divulgação científica da ciência historiográfica, escrita por jornalistas, "como se fossem boas reportagens, mas a partir de pesquisas acadêmicas e de conteúdo comprovado" (NASTARI, [2003]). Em seus primeiros anos, diferente da parceira francesa, alcançou uma tiragem mensal de 26 mil exemplares, o que levou a editora a apostar em números especiais, com temas específicos (MALIN, 2006).

Em um contexto de encantamento da memória e do consumo de história, em proximidade ao bicentenário da independência mexicana, a revista *Relatos e historias en México* (2008) foi lançada pelo Editorial Raices, que publicava a *Arqueologia Mexicana* (1993), dedicada aos estudos pré-hispânicos. Para o historiador Luis Arturo Sálmeron, o projeto editorial supriu um vazio de divulgação histórica no México (SÁLMERON, 2011) ocupado por publicações culturais-literárias. Tendo como editores os historiadores ativos na Raices, Jaime Bali Wuest e Jesus Alberto Sanches Hernández, a revista divulgou críticas à história mexicana para um público amplo e leigo. Apresentada como plural e divertida, as suas páginas foram compostas por textos de historiadores, de cronistas locais e de especialistas de várias áreas, que representaram lugares sociais, institucionais e matizes políticos.

A terceira categoria de revistas de divulgação histórica agregou projetos editoriais que surgiram de demandas acadêmicas. Reconhecidas por historiadores de ofício, apresentaram editores e colaboradores da área de história e de outros

campos de conhecimento, estruturas de produção com conselhos editoriais e consultivos, entrevistas e artigos de historiadores avaliados e adequados aos padrões concisos. Algumas referências com esse perfil foram a alemã *Damals* (1969), a francesa *L'Histoire* (1978) e a brasileira *Revista de História da Biblioteca Nacional* (2005).

A *Damals*, entendida como uma "revista de divulgação científica" (CARDOSO, 2015, p. 305), diferenciou-se na Alemanha das publicações de "ciência popular", como a *P.M History* (1998). Por contar com editores e conselho científico de historiadores, a *Damals* direcionou-se para estudantes, professores, universitários, pesquisadores e leitores interessados pela ciência histórica. A revista manteve um Conselho Científico e Consultivo, que contou com historiadores como Christian Meier, Bernd Schneidmüller e Jürgen Osterhammel. Além disso, atribuiu importância aos historiadores que lidaram com a pesquisa e o ensino, juntamente com arqueólogos, filólogos e outros pesquisadores.

No comitê de redação da francesa *L'Histoire* destacaram-se historiadores e jornalistas como Jean Lacouture, Jean-Noël Jeanneney, Catherine Perlès, Jean-Pierre Rioux, Olivier Rolin e Pierre Assouline. Originada sob a coordenação do filósofo Michel Chodkiewicz e do historiador Michel Winock, a revista conquistou leitores pelos debates historiográficos acalorados, por publicar sínteses históricas, análises de tempos presentes e trabalhos reconhecidos na comunidade acadêmica.

A *L'Histoire* recorreu às "celebridades da história" para atingir um público mais definido, de universitários, diferente do almejado pela popular *Historia* (CHARLE, 2018, p. 51). Dos 50 mil exemplares mensais em 1980 alcançou 80 mil na década posterior, retratando uma historiografia francesa em suas contradições, entre a diminuição da procura pelos cursos universitários e o "apetite de história" (HARTOG, 2017, p. 34) em revistas, programas diários de rádio e de televisão.

Como observado por François Hartog (2017, p. 35), a *L'Histoire* foi alçada a uma condição "quase venerável" pela divulgação de trabalhos de historiadores de ofício. A ambição de disponibilizar a história acadêmica para um público não espe-

cializado, mas próximo dos círculos universitários, baseou-se em artigos da historiografia ocidental, entrevistas com historiadores, desde a concedida por Fernand Braudel, em 1982, (DOSSE, 2003, p. 239) até a de Carlo Ginzburg, em 2019, ou em textos que apresentaram estudos originais, como os de Michelle Perrot, Pierre Nora, Paul Veyne, Georges Duby, Mona Ozouf, Jacques Le Goff, Maurice Agulhon, François Furet, Serge Bernstein, entre tantos.

A presença de historiadores acadêmicos também se verificou na brasileira *Revista de História da Biblioteca Nacional (RHBN)*. Com uma proposta editorial de "divulgar e popularizar" as pesquisas de história de "universidades do Brasil e do exterior para o grande público" (FHIST..., 2011), a *RHBN* produziu história acadêmica para docentes, estudantes universitários e de educação básica. Para o editor, professor e historiador da Universidade Federal Fluminense (UFF), Luciano Figueiredo, o oferecimento da revista em bancas de jornal pelo Brasil afora reforçava a "popularização" de um "trabalho editorial cuidadoso", que não poderia simplificar e cair no "sensacionalismo e na vulgarização" (FIGUEIREDO, 2005, p. 3).

O surgimento da *RHBN* remete ao projeto da Editora Vera Cruz em parceria com a Fundação da Biblioteca Nacional (FBN) quando, em 2003, lançou a revista *Nossa História*. A proposta partiu do banqueiro Aloysio Faria, fundador do Grupo Alfa, com formação em medicina. O empresário abriu a editora para desenvolver um projeto de divulgação histórica, que alcançou tiragens mensais de 70 mil exemplares (MALIN, 2006), porém, em um ano e meio, passou por uma crise, quando o Conselho de Pesquisa da Biblioteca Nacional deixou a revista para formar o Conselho Editorial da *RHBN*.

A *Revista de História da Biblioteca Nacional* constituiu-se num dos projetos mais ousados de divulgação histórica da produção acadêmica brasileira, contando com um seleto grupo de historiadores, jornalistas e profissionais de outras áreas, que se reunia para discutir e planejar cada edição. Nos primeiros números, além de Luciano Figueiredo, o Conselho Editorial foi composto por Alberto da Costa e Silva, Caio César Boschi, Evaldo Cabral de Mello, José Murilo de Carvalho,

Laura de Mello e Souza, Lilia Moritz Schwarcz, Marcos Sá Corrêa, Marieta de Moraes Ferreira, Ricardo Benzaquen e Ronaldo Vainfas.

Em entrevista aos editores da revista *Mosaico*, em 2010, Figueiredo defendeu que o historiador precisava cuidar da formação de um público. A divulgação científica para um público ampliado permitiria compreender que no campo da divulgação histórica os historiadores de ofício poderiam exercer importante função (RIBEIRO; AMOROSO, 2010). Isso daria condições para que, em diversos suportes, para além das revistas acadêmicas, fosse produzida divulgação científica.

Nesse cenário, o desbordar da história para além da academia, ao ser percebido nos círculos de produção histórica, possibilitou discutir a divulgação na formação dos historiadores. Na Argentina, a visibilidade de profissionais divulgadores da história sem trânsito ou pertença no campo acadêmico demonstrou demandas sociais por "sentidos da história" e dificuldades dos historiadores profissionais lidarem com trabalhos para públicos mais amplos (ADAMOVSKY, 2011, p. 91).

Gabriel Di Meglio (2011, p. 109), historiador acadêmico vinculado à divulgação histórica, com inserção no *Encuentro*, canal de televisão educativo e cultural argentino de conteúdos públicos, ponderou sobre a incorporação da divulgação como especialidade no campo historiográfico. Em grande parte, o argumento de que existe uma fratura entre a história acadêmica e a história escolar deve-se às deficiências de cursos de formação de historiadores que não tratam a divulgação histórica como disciplina necessária na atuação profissional, além do ensino e da pesquisa.

### Mediações do passado e contingências de tempos presentes

Imersas em demandas de seus tempos, revistas de divulgação histórica se posicionaram ou silenciaram sobre temáticas sensíveis em contextos autoritários e democráticos. O controle e a manipulação da história como instância legitimadora de projetos políticos (FERRO, 1989) exigiram de produtores culturais estratégias de conciliação, ponderação ou crítica dissimulada

para driblar formas de censura e perseguições. Foi o caso de revistas de história em conjunturas políticas autoritárias, como a argentina *Todo es Historia* (1967) e a espanhola *Historia y Vida* (1968), publicadas sob olhares de censores.

A *Todo es Historia* foi fundada, em 1967, pelo advogado, jornalista e historiador Félix Luna, conhecido na Argentina por publicar livros de altas vendas, dedicados a personagens da política nacional, como Hipólito Yrigoyen e Juan Domingo Perón. Idealizada em um momento de ampliação do mercado editorial, entre as décadas de 1950 e 1960, a revista surgiu no início da ditadura do general Juan Carlos Onganía. Para Luna, o governo, ao proibir atividades políticas, abriu um flanco para se ler e discutir aquilo que mais se aproximava da política: a história (ABDALA, 2017). Artigos que se referiram a questões anedóticas do passado, com intrigas e segredos, defenderam o republicanismo e o conhecimento histórico para um público de pouco acesso aos estudos acadêmicos. Na repressão, a *Todo es Historia* ressignificou "imagens do passado para se posicionar a favor dos ideais democráticos", através da publicação de textos de diversas tendências historiográficas, que movimentaram "fronteiras do campo acadêmico e da divulgação" (LEZCANO, 2013, p. 20).

Na Espanha, uma das referências que abriu caminho para a divulgação histórica foi a *Historia y Vida*, nascida no emblemático ano de 1968, em plena ditadura franquista. Um artigo sobre anarcossindicalistas na batalha de Barcelona, escrito pelo historiador Luis Romero para a primeira edição, sofreu censura. A solução de urgência encontrada pelo diretor da revista, Ramón Cunill, foi dialogar com o aparelho censor, atitude mantida até o final da ditadura, em 1975. A posição de diálogo ao longo do regime autoritário criou polêmicas, embora a aproximação tenha sido entendida por editores como estratégia para driblar o autoritarismo, pois permitiu a circulação da revista e, na edição seguinte, a publicação do artigo censurado (MARGARIT, 2008, p. 10).

Em tempos democráticos não faltaram edições que abordaram regimes autoritários, geralmente,

com bons resultados nas vendas. Capas com ditadores arraigados no imaginário popular caracterizaram revistas de divulgação histórica e, não raro, as que trataram de autoritarismo aguçaram debates, direitos de respostas e o interesse da imprensa quando cresceram demandas sociais de usos do passado e o campo da história foi atingido por posições contra-históricas e negacionistas.

Foi o que ocorreu com a *RHBN*, num momento em que se articulava a criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV). Em dois anos, edições que focaram contextos ditatoriais geraram elogios, críticas e tensões, como a do dossiê "Golpe de 1964" e a do "Nazismo no Brasil" (TAVARES, 2013). Em 2012, ao tratar do arquivo pessoal do líder comunista Luiz Carlos Prestes, a revista foi motivo para grandes jornais noticiarem polêmicas. Uma delas, que repercutiu por algumas semanas em diários como *O Globo* e a *Folha de S.Paulo*, foi um relatório com denúncias contra a ditadura militar que continha "lista de 233 torturadores – apenas da cidade de São Paulo – que estavam a serviço do governo de Ernesto Geisel" (LIMA, 2012, p. 22), mesmo tornada pública, em 1978, pelo semanário alternativo *Em Tempo*.

Exemplos como esses demonstram que posições e movimentações de projetos editoriais se fazem a partir de contingências do tempo presente, quando forças ideológicas polarizam e evidenciam "caminhos possíveis" para o engajamento político (SIRINELLI, 2009, p. 48). Assim, são complexos os interesses nas práticas de mediação cultural (GOMES; HANSEN, 2016, p. 9), sendo o estudo e a produção de divulgação histórica um campo de combate pela história, em que se desvendam representações do passado de agentes políticos, econômicos, sociais e culturais, que muito dizem sobre relações de poder.

Além das revistas de divulgação histórica, modalidades de história de circulação massiva são sensíveis às funcionalidades com que o presente envolve o passado e o evidencia como legítimo. Os sentidos comuns do presente atendem às crenças do público e se orientam em função delas (SARLO, 2012, p. 15). Por estratégias de vendas, as revistas despertaram desconfiança entre profissionais

da história fundamentada na rotina de métodos historiográficos. Não é demais acrescentar que, embora os empreendimentos resultassem de lugares de sociabilidades entre historiadores, jornalistas e outros profissionais, o ambiente de produção carregou uma "sombra de conflito" (SARLO, 2006) inevitável entre profissionais formados pelos critérios de escrita e de métodos legitimados em suas áreas de conhecimento.

Para a escritora e crítica literária Beatriz Sarlo, em matéria publicada no diário argentino *La Nación*, nas disputas entre a história acadêmica e a história de divulgação existe uma desconfiança devido aos historiadores de ofício perceberem que muitas de suas pesquisas são utilizadas "pelas histórias de circulação massiva sem reconhecimento" (SARLO, 2006). Assim, o historiador convive com o fantasma de a produção acadêmica ter que competir com interpretações do passado na dimensão pública, onde se emaranham apresentações esquemáticas, anedóticas, distorcidas e negacionistas, disponíveis para públicos diversos, amplos e leigos de história.

### Experiências editoriais conectadas

Ao tratar da *History Today* e *BBC History*, Jerome De Groot (2008, p. 45) ponderou que as revistas de divulgação histórica se situaram entre a produção pautada por rigores metodológicos e as estratégias de vendas em busca de leitores consumidores. A interface entre a história acadêmica e a história popular estava na comercialização e a manutenção de revistas dependeu de planejamento e estratégias de vendas de exemplares, geração de receitas com publicidades e análises amparadas em outras experiências editoriais.

Das ideias iniciais inspiradas em revistas aos estudos de mercado, tarefas de identificação de publicações congêneres definiram projetos editoriais. Dentre vários casos, a *Todo es Historia*, reconhecida pela longevidade no mercado editorial argentino, foi inspirada na francesa *Miroir de l'histoire* (1950). No final da década de 1950, em viagem à cidade suíça de Berna, Félix Luna interessou-se por um exemplar da revista em meio a tantas disponíveis em uma banca de jornal de

estação de trem. Os temas de história tratados por acadêmicos conciliados com assuntos cotidianos, biografias e curiosidades, chamaram a atenção de Luna que planejou, com jornalistas do jornal *Clarín* e historiadores convidados, uma revista de história para público mais amplo (ABDALA, 2017).

O editor defendeu que a história não poderia ser entendida apenas pelos grandes feitos e pelas efemérides. A história era "também o amor e os crimes, as modas e os costumes, as formas de vida, crenças, até as mentiras" (ABDALA, 2017). A compreensão de que história era tudo, e tudo que interessava referia-se à história, possibilitou uma revista aberta a tendências historiográficas, em defesa de práticas democráticas.

Embora Luna, na década de 1960, tivesse manifestado que a história não era somente orientada por efemérides, demandas sociais em tempos presentes se conectaram com interesses de empresas de comunicação. Materiais publicitários, notícias e produções culturais – como novelas, minisséries, documentários, filmes e revistas – que trataram de temas históricos, deram condições para a idealização de uma diversidade de projetos de divulgação histórica.

A *Aventuras na História* é exemplo de como contingências repercutiram num projeto editorial. A Abril, ao comprar os direitos de publicar a espanhola *Muy Interesante* (1981), com tradução das matérias para a língua portuguesa, esperava alcançar o mesmo sucesso que a revista havia conquistado na Alemanha, França e Itália (BURGIERMAN, 2002). Porém, problemas técnicos enfrentados na impressão levaram a editora a produzir as matérias da versão brasileira, denominada *Superinteressante* (1987).

As altas vendas de edições da *Superinteressante* com capas de abordagens históricas sinalizaram para um projeto editorial mais específico. O diretor da revista, Adriano Silva, ao conversar com o jornalista Celso Miranda, sugeriu a criação de uma revista de história e apresentou "cópias de recortes de revistas estrangeiras, resenhas de livros e e-mails" (MIRANDA, 2004, p. 68-71). Como editor da *Aventuras*, em edição que comemorou o primeiro ano da publicação, Miranda esclareceu

que revistas de divulgação histórica foram encontradas "mundo afora" e trazidas para um estudo mais aprofundado no Brasil. Além disso, foram feitas pesquisas de demandas para uma revista mensal de história e conversas com historiadores e jornalistas. (MIRANDA, 2004, p. 68-71).

Ainda, para o editor, a revista era um meio de transmissão de cultura acadêmica para público amplo, com acesso através de assinaturas periódicas, de bancas e livrarias. Entretanto, daquilo que se propunha acadêmico, entendia-se a história como "uma nave especial" que levaria leitores a "uma aventura sem limites no espaço e no tempo" para "conhecer pessoas incríveis: bruxos, assassinos, semideuses e traidores" (MIRANDA, 2003, p. 4).

Além do mapeamento e estudo feitos pela Abril para publicar a sua revista de história, a parceria firmada entre as editoras Duetto e Tallandier exigiu aproximações entre os editores brasileiros e os franceses. A *História Viva* foi composta por 50% de artigos internacionais provenientes da tradicional *Historia*, mesclado com textos de colaboradores brasileiros, em sua maioria jornalistas (NASTARI, 2003, p. 5).

Com experiência na produção de revistas da Abril, Alfredo Nastari, no limiar do lançamento da *História Viva*, em conversa com internautas no *Bate Papo Uol*, ao ser perguntado sobre a presença de profissionais na publicação, respondeu que contaria com "historiadores e jornalistas especializados, como Jorge Caldeira, Fernando Morais, Heródoto Barbeiro" (NASTARI, [2003]), dando aos historiadores o tratamento de pesquisadores que assinam as matérias e, tendo como consultor, o historiador Ricardo Maranhão.

A idealização da *História Viva* partiu de um questionamento do jornalista Alberto Dines por não se ter no Brasil uma revista de história destinada ao público amplo. A conversa teria convencido Nastari a aprofundar o assunto, ainda pouco conhecido entre os brasileiros. Após análise mais detalhada de publicações europeias, o diretor percebeu que havia, no mínimo, dois ou três títulos por país com circulação significativa, o que abria espaço para uma revista oferecer novas visões da história vindas, principalmente, de pesquisas acadêmicas,

"em linguagem jornalística", entendida como "dinâmica, atraente, viva", como se fossem reportagens (NASTARI, [2003]). Anos depois, o editor admitiu as dificuldades em concorrer com a estrutura da *Aventuras na História* e a produção diferenciada da *RHBN*, que contava com os arquivos da Biblioteca Nacional (MALIN, 2006).

A chegada da *RHBN*, em 2005, sinalizou uma segmentação no mercado brasileiro que não poderia desmerecer a revista *Nossa História*, arrebatadora dos que procuravam artigos de historiadores acadêmicos, distribuída para instituições escolares e sucesso de vendas nas bancas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

O projeto editorial da Editora Vera Cruz em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional foi amparado em experiências estrangeiras. O banqueiro Aloysio Faria era um dos entusiastas, assinante e colecionador de revistas de história de vários países (MALIN, 2006). A iniciativa, defendida pelo presidente da FBN, Pedro Corrêa do Lago, conseguiu reunir historiadores de universidades brasileiras e profissionais de outras áreas, aproximando história e jornalismo para divulgar o acervo da Biblioteca Nacional. Para Lago, o Brasil tinha um público interessado por história e o sucesso de livros escritos por jornalistas era prova disso (MACHADO, 2003).

Na ocasião do lançamento, o editor Luciano Figueiredo, em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, ponderou que, além de colecionar e pesquisar revistas, o modelo que mais se aproximou da *Nossa História* foi o da inglesa *BBC History* (2000), cuja estrutura contava com a colaboração de historiadores e flertava com a linguagem jornalística (MACHADO, 2003). A *BBC History*, além de servir para se pensar a *Nossa História*, posteriormente, foi licenciada no Brasil como *BBC História* (2008), publicada pela Editora Digerati, por meio do selo Triada, conhecida pela produção de revistas de saúde, mercado profissional e conhecimento.

Adquirida em bancas e por meio de assinaturas, a *BBC História* chegou às bancas com tiragem de 30 mil exemplares mensais, tratou de temas do século XX, antiguidade, personalidades históricas e aventuras diversas, em textos assinados por especialistas

da história e do jornalismo (BBC..., 2008). Após a revista ser encerrada com um ciclo de 12 edições, em 2014, com a intermediação da *Immediate Media Company Limited*, foi lançada a *BBC History Brasil*, pela Alto Astral Editora, que teve curta trajetória.

Nesse emaranhado de revistas, a *Nossa História* entrecruzou-se com várias experiências editoriais, servindo de referência para a *Revista de História da Biblioteca Nacional*, considerada uma retomada do projeto "concebido e desenhado" anteriormente. Administrada e editada pela Sociedade dos Amigos da Biblioteca Nacional (SABIN), a *RHBN* foi apoiada pelo Ministério da Cultura, Petrobras e outros patrocinadores institucionais. Para Lago, o projeto editorial iria permitir à instituição pública alcançar finalidades importantes, "como as de divulgar seu acervo e suas atividades para um público muito mais amplo" e "reforçar seu papel como instituição de guarda, preservação e divulgação da memória nacional" (LAGO, 2005, p. 5).

Com distribuição para milhares de bibliotecas públicas e escolas, a *RHBN* tornou-se reconhecida pela comunidade de historiadores, alcançou um público amplo e vinculado a instituições de ensino e de pesquisa. Ao tratar do primeiro número, em "*Carta do Editor*", Figueiredo (2005, p. 3) afirmou que "a História ocupou as calçadas" através do oferecimento da revista em bancas de jornal:

Os leitores não poderiam estar, aqui, em melhor companhia. Ele oferece páginas de uma alquimia ao mesmo tempo original e consagrada: um fabuloso acervo, os historiadores talentosos de seu Conselho de Pesquisa e a secular experiência com a memória nacional. Não é pouco. Ainda porque não é a História acadêmica, emparedada e rançosa que se quer divulgar, e sim matérias simples, saborosas e instrutivas, que semeiam o conhecimento e estimulam a reflexão (FIGUEIREDO, 2005, p. 3).

A divulgação da produção acadêmica estendeu-se para docentes de história do ensino básico, característica marcante pela presença da seção *Educação* desde o início da revista. A divulgação de experiências de ensino de história demonstrou o forte vínculo da *RHBN* com espaços escolares. Através do Programa Biblioteca na Escola, do Fundo Nacional de Desenvolvimento

da Educação (FNDE), mensalmente, cerca de 120 mil exemplares da revista foram distribuídos a instituições de ensino, de pesquisa e mais de 53 mil escolas públicas (FHIST..., 2011). Nelas, tornou-se comum encontrar edições à disposição em bibliotecas, circulando entre estudantes e docentes, sendo usadas em salas de aula.

### Considerações finais à luz da experiência brasileira

Em reportagem publicada em 2006 pelo *site Observatório da Imprensa*, o jornalista Alfredo Nastari chamou a atenção para o advento da internet e seus impactos nas revistas de divulgação histórica. Para surpresa dos leitores, o editor da *História Viva* defendeu que a ameaça mais imediata não seria a internet, mas a concorrência insustentável entre “três revistas profissionais de história e um mundo de caça-níqueis, produtos de editoras que foram na esteira com as outras” (MALIN, 2006).

Dos projetos editoriais apresentados neste artigo para tratar da experiência brasileira, o da *Nossa História* foi o mais efêmero. Em 38 edições, publicadas entre novembro de 2003 e dezembro de 2006, a revista perdeu espaço num mercado cada vez mais concorrido. A situação agravou-se com o alto custo de manutenção e a dissidência do Conselho de Pesquisa da Biblioteca Nacional, que contribuiu para o surgimento da *RHBN* e, pelos laços umbilicais e as similaridades, disputou públicos leitores.

Para a jornalista Cristiane Costa, editora da *Nossa História*, a revista tornou-se dependente do empresário Aloysio Faria. A produção exigia pesquisas cuidadosas e profissionais qualificados para colocar nas bancas um produto que se assemelhava a um livro (MALIN, 2006), lido aos poucos sem envelhecer as informações. Mesmo com as tentativas de aumentar o número de assinantes a partir de empresas especializadas, os resultados não chegaram e a publicação foi encerrada.

Assim como a *Nossa História*, em seu primeiro ano, a *História Viva* manteve-se com as vendas em bancas e poucos assinantes. Com o crescimento da *Aventuras na História* e a chegada da *RHBN*, a situação financeira tornou-se “quase deficitária” (MALIN, 2006), o que levou a Editora Duetto

apostar em números especiais, considerados lucrativos. Estratégias como essa se somaram a iniciativas dispersas e de poucos resultados, como a da revista *BrHistória* (2007), de curta trajetória, que propôs tratar de história do Brasil após o fechamento da *Nossa História*.

Impressa desde o seu começo pela Editora Ediouro, a *História Viva* passou por uma série de adequações na produção, distribuição e vendas, o que repercutiu em um trabalho de transferência da redação de São Paulo para o Rio de Janeiro. Entre novembro de 2003 e março de 2015, a *História Viva* teve 137 edições, sendo encerrada em meio à ascensão de projetos digitais de divulgação histórica.

A *RHBN*, após a renúncia do Conselho Editorial em 2012, por divergências entre seus membros e a presidência da SABIN (LAGE, 2012), teve uma longa editoria interina, assumida pela jornalista Vivi Fernandes de Lima, que se estendeu até 2014, quando um novo Conselho Editorial foi composto com o editor Rodrigo Elias, historiador formado pela UFF. Nesses anos, a revista enfrentou problemas de manutenção com a redução de patrocinadores e funcionários. A crise financeira motivou a organização de campanhas que contou com o apoio de historiadores, produtores, colaboradores e leitores. Uma delas foi a *#RHBN Resiste*, compartilhada nas redes sociais, veiculada em páginas impressa e virtual, mas que não foi suficiente para impedir o fim da circulação, em junho de 2016, com 124 edições.

Das publicações surgidas em 2003, a *Aventuras na História* conseguiu sobreviver, embora tenha passado por crises e sido atingida por mudanças estruturais da Editora Abril, que a inseriu num pacote de revistas negociadas com a Editora Caras, em 2014. Após 135 edições publicadas pela Abril, a *Aventuras* foi reformulada e manteve suas vendas em bancas e *site*, avulsa ou por assinatura, sinalizando cada vez mais para formatos digitais.

O cenário de disputas entre revistas de divulgação histórica demonstrou paradoxos. Enquanto revistas estrangeiras nasceram nas primeiras décadas do século XX, próximas ao advento do cinema, a experiência brasileira deu-se com o avanço da internet no início do século XXI. Nesses

anos, a expansão de tecnologias de informação tornou a história mais acessível através de redes sociais, *sites*, *podcasts*, revistas digitais e canais de vídeos em plataformas de compartilhamento. Essas mudanças tornaram a divulgação histórica abrangente e vulnerável, apresentando desafios para a difusão do conhecimento histórico em ambientes virtuais e dando outras dimensões aos públicos de história.

## Referências

ABDALA, Verónica. La revista fundada por Félix Luna cumple 50 años. Contar la Historia 'hasta con las mentiras'. *Clarín*, Buenos Ayres, 20 abr. 2017. Disponível em: [https://www.clarin.com/cultura/medio-siglo-contando-historia\\_o\\_Hkcz-Snag.html](https://www.clarin.com/cultura/medio-siglo-contando-historia_o_Hkcz-Snag.html). Acesso em: 20 abr. 2017.

ADAMOVSKY, Ezequiel. Historia, divulgación y valoración del pasado: acerca de ciertos prejuicios que condenan a la historiografía al aislamiento. *Nuevo Topo – Revista de historia y pensamiento crítico*, Buenos Ayres, n. 8, p. 91-106, set./out. 2011.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAL, Marta Gouveia de Oliveira (org.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

BBC History chega ao Brasil em parceria com a Triada, selo da Editora Digerati. *Revista Fator Brasil*, Rio de Janeiro, 20 ago. 2008. Disponível em: <https://www.revistafatorbrasil.com.br/imprimir.php?not=50384>. Acesso em: 20 fev. 2019.

BENTIVOGLIO, Julio. Revista de história: objeto privilegiado para se estudar a história da historiografia? In: ARRAIS, Cristiano Alencar; BENTIVOGLIO, Julio (org.). *As revistas de história e as dinâmicas do campo historiográfico*. Serra: Editora Milfontes, 2017. p. 7-30.

BONALDO, Rodrigo. Um fardo do presente? O jornalista entre a história e a memória. In: MAGALHÃES, Marcelo et al. *Ensino de História: usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: FGV, 2014. p. 255-277.

BURGIERMAN, Denis Russo. 15 anos de Super. In: *Super Interessante*. São Paulo, 31 ago. 2002. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/15-anos-de-super>. Acesso em: 16 set. 2016.

CAMPREGHERE, Ana Luiza; LIPPE, Pedro Henrique Lutti. História contada por jornalistas. *Desafios e Desenvolvimento*, Brasília, n. 75, 28 dez. 2012. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2865:catid=28&Itemid=23](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2865:catid=28&Itemid=23). Acesso em: 16 abr. 2017.

CARDOSO, Oldimar. Cultura histórica e responsabilização científica. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (org.). *O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p. 305-321.

CHARLE, Christophe. *Homo historicus: reflexões sobre a história, os historiadores e as ciências sociais*. Porto Alegre: UFRGS; Rio de Janeiro: FGV, 2018.

DE GROOT, Jerome. *Consuming history: historians and heritage in contemporary popular culture*. London: Routledge, 2008.

DI MEGLIO, Gabriel. Wolf, el lobo: Reflexiones y propuestas sobre la relación entre producción académica y divulgación histórica. *Nuevo Topo – Revista de historia y pensamiento crítico*, Buenos Ayres, n. 8, p. 107-120, 2011.

DOSSE, François. *A História em migalhas: dos Annales à Nova História*. Bauru: Edusc, 2003.

DUMOULIN, Olivier. *O papel social do historiador: da cátedra ao tribunal*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ELSTON, Charlotte; WILLIAMS-ROBBINS, Sarah. BBC Worldwide and Exponent Private Equity agree BBC Magazines transaction. In: *Media Center BBC*. 16 ago. 2011. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/mediacentre/worldwide/160811bbc\\_magazines.html](http://www.bbc.co.uk/mediacentre/worldwide/160811bbc_magazines.html). Acesso em: 19 nov. 2016.

FERRO, Marc. *A história vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FHIST. *Festival de História*. Diamantina, out. 2011. Disponível em: [http://www.festivaldehistoria.com.br/fhist\\_ptl](http://www.festivaldehistoria.com.br/fhist_ptl). Acesso em: 15 set. 2018.

FIGUEIREDO, Luciano. Carta do Editor. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, Sabin, ano 1, n. 1, p. 3, jul. 2005.

FONSECA, Thais Nívia de Lima. Ensino de História, Mídia e História Pública. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org.). *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letras e Voz, 2016. p. 185-194.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Campos (org.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

HARTOG, François. *Crer em história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HOLL, Jack M. Cultures in conflict: an argument against "Common Ground" between practicing professional historians and academics. *The Public Historian*, Berkeley, v. 30, n. 2, p. 29-50, 2008.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LAGE, Amarilis. Conselho da "Revista de História da Biblioteca Nacional" renuncia. *Valor Econômico*, São Paulo, 11 jun. 2012. Disponível em: <https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2012/06/11/conselho-da-revista-de-historia-da-biblioteca-nacional-renuncia.ghtml>. Acesso em: 21 ago. 2016.

LAGO, Pedro Corrêa do. Apresentação. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 5, jul. 2005.

LEZCANO, José Maria. Revista Todo es Historia: una propuesta cultural em um contexto ditatorial (1967 – 1973). In: JORNADAS INTERESCUELAS/ DEPARTAMENTOS DE HISTORIA, 14., 2013, Mendoza. *Anales* [...]. Mendoza: Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras – Universidad Nacional de Cuyo, out. 2013. p. 1-23. Disponível em: <https://cdsa.academica.org/000-010/636>. Acesso em: 26 jun. 2017.

LIMA, Vivi Fernandes de. Em cada página uma pista: documentos secretos da URSS, denúncias e desabafos de Prestes fazem de seu acervo pessoal uma mina de fontes para o estudo da História do país. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 76, p. 21-25, jan. 2012.

LOCKHART, Robin Bruce. Brendan Bracken, founding father. In: *History Today*. London, abr. 1991. Disponível em: <https://www.historytoday.com/archive/brendan-bracken-founding-father>. Acesso em: 16 jan. 2017.

MACHADO, Cassiano Elek. Biblioteca Nacional passa história do país em revista. *Folha de S.Paulo*, 17 nov. 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1711200309.htm>. Acesso em: 15 out. 2016.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 15, p. 27-50, ago. 2014.

MALIN, Mauro. Mundo digital atropela revista de História. In: Observatório da Imprensa. 8 set. 2006. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/codigo-aberto/mundo-digitalatropela-revistas-de-historia>. Acesso em: 17 abr. 2017.

MALIN, Mauro. O banqueiro e a História. In: Observatório da Imprensa. 18 out. 2006. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/codigo-aberto/o-banqueiro-e-ahistoria>. Acesso em: 19 jun. 2017.

MARGARIT, Isabel. La historia continúa. *Historia y Vida*: número especial 40 aniversario, 1968-2008, la historia más cerca, Barcelona, ano 40, n. 483, p. 9, 2008.

MIRANDA, Celso. Albúm de família: quem somos e como fizemos em um ano Aventuras na História. *Aventuras na História*, São Paulo, ano 2, n. 12, p. 68-71, ago. 2004.

MIRANDA, Celso. Próxima aventura: em sua casa. *Aventuras na História*, São Paulo, ano 1, n. 8, p. 3, abr. 2004.

MIRANDA, Celso. Uma nave especial. *Aventuras na História*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 4, jul. 2003.

NASTARI, Alfredo. Bate Papo com convidados. In: UOL. 3 nov. 2003. Disponível em: <http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/lfre/alfredo-nastari-publisher.jhtm>. Acesso em: 15 set. 2016.

NASTARI, Alfredo. História, com prazer. *História Viva*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 5, nov. 2003.

NOVICK, Peter. *That noble dream: the "Objectivity Question" and the American Historical Profession*. 22. ed. New York: Cambridge University Press, 2005.

ORY, Pascal. *L'entre-deux-Mai: histoire culturelle de la France, mai 1968 – mai 1981*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

PRESS GAZETTE. MagABCs: Full circulation round-up for the first half of 2013. In: *Press Gazette*. 15 ago. 2013. Disponível em: <https://www.pressgazette.co.uk/magazine-abc-full-circulation-round-first-half-2013>. Acesso em: 19 nov. 2016.

RIBEIRO, Andrea; AMOROSO, Mauro. Entrevista com Luciano Raposo de Almeida Figueiredo. *Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 94-100, 2010.

ROSENZWEIG, Roy; THELEN, David. *The presence of the past: popular uses of History in American Life*. New York: Columbia University Press, 1998.

WEIR, Alison. The empire behind world's largest history magazine chain: how American History Magazine censored Palestine. In: *If Americans Knew*. 6 dez. 2012. Disponível em: <https://ifamericaknew.org/media/weider.html>. Acesso em: 17 mar. 2017.

SÁLMERON, Luis Arturo. Relatos e histórias em México. [Entrevista concedida ao Programa Plaza de Armas]. Ismael Carvalho. Canal 21, Ciudad de México, 4 ago. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qpZZclQDHmE>. Acesso em: 15 jul. 2016.

SARLO, Beatriz. Historia académica v. historia de divulgación. *La Nación*, 22 jan. 2006. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/773981-historia-academica-v-historia-de-divulgacion>. Acesso em: 13 abr. 2015.

SARLO, Beatriz. *Tiempo Pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo: una discusión*. Buenos Ayres: Siglo Veintiuno, 2012.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais do final do século XX: abordagens históricas e configurações historiográficas. In: AZEVEDO, Cecília. et al. *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 47-57.

TAVARES, Ana Paula. Revista de História - Entrevista com Vivi Fernandes de Lima (RHBN). In: *Café História*. 13 jun. 2013. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/revista-de-historia>. Acesso em: 19 jun. 2017.

VERSIGNASSI, Alexandre. Guerra do Paraguai News. *Aventuras na História*, São Paulo, ano 8, n. 100, p. 4, nov. 2011.

---

## Fernando Perli

Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Assis, SP, Brasil; professor da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), em Dourados, MS, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

Fernando Perli  
Universidade Federal da Grande Dourados  
Rodovia Dourados, Itahun, Km 12  
Cidade Universitária, 79804-970  
Dourados, MS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.*